Dia 23 — São Raimundo de Penyafort

Nasceu São Raimundo de Penyafort no ano de 1175 no castelo deste nome, no Principado da Catalunha, sendo seus pais senhores do mesmo castelo e aliados dos reis de Aragão. Criaram-no com o cuidado correspondente; e, tendo-o aplicado ao estudo das ciências naturais, como era dotado de excelente engenho, fez em pouco tempo tantos progressos que ensinou publicamente filosofia em Barcelona com tanto aplauso como feliz sucesso. Aplicou-se depois ao estudo das leis; e, para aperfeiçoar-se nelas, passou à universidade de Bolonha, onde logo se fez admirar; e, recebendo o grau de doutor em ambos os direitos, tendo vagado uma cátedra de mestre, foi provido nela com geral aceitação.

Causava admiração seu engenho, mas maior seu desinteresse e sua vida exemplar, porque não quis admitir a renda que lhe assinalou a cidade, senão repartindo-a entre os pobres, não tendo em seus estudos outros fins que puramente o da caridade.

Ao voltar de Roma, Berenguer, bispo de Barcelona, passou por Bolonha para ver Raimundo, seu diocesano, de quem ouvia falar em toda a Itália com tanto elogio e com tanta estima. Conheceu logo que um sujeito daquele mérito podia ser de suma utilidade para sua igreja. Proveu-o em um canonicato e depois numa das primeiras prebendas da catedral. Esta aproveitou-se bem do muito que acabava de perder a universidade de Bolonha. Desde logo deixaram-se admirar o extraordinário mérito e a não menos extraordinária piedade de Raimundo. Sua caridade com os pobres, seu amor ao retiro, sua assistência ao coro, seu recolhimento interior e sua modéstia fizeram impressão nos ânimos e nos corações, de maneira que em pouco tempo se reconheceu visivelmente a reforma do cabido.

Professou sempre uma terna devoção à santíssima Virgem, animada de um desejo ardente de estender seu culto e de inspirar a mesma piedade nos corações de todos. Reparando que a festa da Anunciação se celebrava com pouca solenidade em Barcelona, obteve que se fizesse o ofício com maior celebridade; e deixou uma fundação para que fosse essa festa uma das mais solenes.

Só pensava Raimundo em santificar-se cada dia mais e mais por meio dos exercícios de devoção e de penitência quando se sentiu chamado a estado mais perfeito. Valeu-se Deus para sua vocação do escrúpulo que se lhe excitou por ter tirado de um parente seu o de entrar na religião de São Domingo, com o pretexto de que toda novidade é suspeitosa. Tomou o hábito da mesma religião em Barcelona, na Sexta-Feira Santa do ano de 1222, cerca de oito meses depois de ter morrido o santo fundador e patriarca.

Com o novo estado renovou extraordinariamente seu fervor. Nenhum noviço lhe levou vantagem em correr apressado pelo caminho da perfeição; nenhum o excedeu nos esmeros de uma humildade profunda nem na exatidão da regular observância.

Muito aos princípios de seu noviciado, pediu com instância aos superiores que lhe dessem uma severa penitência pelas vãs complacências que havia tido ao ouvir os aplausos com que celebrava o mundo seu magistério. Consentiu nisso o provincial e mandou-lhe que, em penitência, compusesse uma suma de moral, e é a que corre hoje com o nome de *Suma de Raimundo*, sendo a primeira que saiu à luz nessa matéria.

A generosidade com que um homem tão distinto por seu nascimento, por seu engenho e por sua dignidade, tão admirável por sua virtude, tão respeitável por seus raros talentos e por sua sabedoria, havia deixado o mundo para viver humilde e desconhecido no estado religioso fê-lo muito mais célebre por todo o universo, e de todas as partes concorriam a consultá-lo como a oráculo.

Escolheu-o Deus para contribuir mais que nenhum outro à fundação de uma nova ordem, célebre na Igreja católica por seu instituto de redenção de cativos, com o título de Nossa Senhora das Mercês. Uma maravilhosa visão que numa mesma noite tiveram Jaime, rei de Aragão, São Pedro Nolasco e nosso Raimundo uniu o zelo de todos os três para promover este sagrado instituto. São Pedro Nolasco foi o fundador, o rei de Aragão o apoio, e Raimundo foi como a alma desta grande empresa, que teve depois tão grandes resultados.

Por esse tempo veio à Espanha pregar a cruzada contra os mouros o cardeal João de Abbeville, bispo de Sabina e legado da Santa Sé. Pareceu-lhe que não desempenharia bem sua legacia se São Raimundo, tão poderoso em obras como em palavras, não o ajudasse com seus conselhos e com seu santo zelo. Pregou a cruzada com tanto espírito e com tanta felicidade que o legado lhe atribuía principalmente, e com muita razão, as grandes vantagens que as armas cristãs conseguiram dos infiéis. Voltado a Roma o cardeal, disse tantas maravilhas de São Raimundo que o papa Gregório IX o chamou para que assistisse junto à sua pessoa; fê-lo seu capelão, escolheu-o por seu confessor e nomeou-o penitenciário-mor da santa Igreja de Roma. Depois que experimentou sua rara capacidade, mandou-lhe compilar todas as decretais ou constituições pontifícias de seus predecessores com os decretos dos concílios. Esta coleção das decretais em cinco livros, feita por São Raimundo, é a mais autorizada e a mais geralmente recebida em todas as universidades.

Nem as grandes ocupações nem os contínuos estudos alteraram nunca sua piedade, e muito menos se dispensou por isso nos exercícios da vida religiosa. Instou-o o papa para que aceitasse o arcebispado de Tarragona e outras dignidades eclesiásticas com que o brindou, mas tudo foi em vão; porque foi tão invencível sua resistência como sua humildade. E, tendo julgado os médicos que lhe convinha voltar à Catalunha para reparar a saúde, voltou a seu convento de Barcelona como um frade particular, sem benefício, sem título, sem pensão, considerando-se em tudo como o menor de seus irmãos.

A enfermidade que o obrigou a retirar-se de Roma haviam-na causado suas excessivas penitências; mas, mal recobrou a saúde, voltou a elas com maior fervor. Comia uma só vez ao dia; todas as

noites tomava uma áspera disciplina; eram extraordinárias suas vigílias, sua oração contínua, sua mortificação severa, mas unicamente para ele; porque para os demais era suavíssimo, sendo a doçura de Jesus Cristo o modelo da sua. Sem deixar-se levar de indignas ou covardes complacências, sabia perfeitamente a arte de ganhar os pecadores sem dar quartel ao pecado.

Gozava Raimundo tranquilamente o doce sossego da vida privada, retirado em seu convento de Barcelona, quando no ano de 1238, muito contra sua vontade, foi eleito geral de toda a ordem em lugar de Jordão da Saxônia, que havia sucedido a São Domingo. Qualquer outro coração menos humilde que o de Raimundo poderia deixar-se lisonjear de um emprego de tanta distinção; e não faltariam razões ao amor-próprio para julgar conveniente à maior glória de Deus e ao maior bem da religião manter-se nele; mas eram muito desembaraçadas as luzes, muito sólidos e muito espirituais os ditames de Raimundo para que lhe fizessem força esses pretextos, desviando-se de seu fim, que era aspirar à maior perfeição. Depois que visitou a pé todas as províncias da ordem, renovando nos corações de seus súditos o primitivo fervor, renunciou ao generalato.

Mas nem por isso alcançou também esta segunda vez por muito tempo o descanso do retiro e da vida particular. Os papas Celestino IV, Inocêncio IV, Alexandre, Urbano e Clemente descarregaram nele grande parte do peso de seus cuidados e das penosas fadigas da Santa Sé. A tantas ocupações importantes acrescentaram-se as que lhe encomendava o rei de Aragão, que o havia escolhido por seu confessor e frequentemente o empregava em diferentes legacias. Abençoou Deus tão extraordinariamente o zelo de seu fiel servo, dando-lhe tanta graça para a conversão dos mouros e dos judeus espalhados por toda a Espanha naquele tempo, que em poucos meses converteu mais de dez mil.

Tinha o Rei uma inteira confiança em seu confessor e fê-lo vir a Maiorca, onde então se achava a corte. Ali se continuou a conversão dos judeus e dos mouros; mas, tendo chegado a entender que havia na corte certa dama com quem se suspeitava que o rei tinha algum ilícito comércio, tomou a liberdade de representar-lhe com respeito e de suplicar-lhe com instância que se servisse separá-la. Como viu que continuava o escândalo e que aquele monarca o ia entretendo com vãs palavras, julgou que estava obrigado a pedir licença para retirar-se; e, tendo-lha negado, ele a tomou.

Foi ao porto para embarcar; mas disseram-lhe que havia ordem do rei para que, sob pena de vida, ninguém o passasse. Então, cheio o santo de uma grande confiança no Senhor, fez o sinal da cruz, estendeu sua capa sobre a água, tomou o bordão na mão, montou naquela embarcação de nova espécie, tomou a metade da capa, atou-a ao cabo do bordão, fazendo mastro deste e vela daquela e, a favor de um vento fresco que se levantou, fez em menos de seis horas a viagem de cinquenta e três léguas que há de Maiorca a Barcelona. Ao chegar a seu convento, abriram-se por si mesmas as portas, que estavam fechadas; achou-se sem o mais leve sinal de umidade a capa que lhe havia servido de embarcação e de vela; e o medo que teve o companheiro de fiar-se naquele navio comprovou também a verdade do fato e da maravilha.

Como foram inumeráveis as testemunhas de milagre tão estupendo, logo se estendeu a fama por todas as partes. Cresceu a estima e a veneração que se tinha do santo; o rei deu-se por entendido, afastou de si imediatamente aquela cortesã e voltou a entregar-se com maior confiança nas mãos de seu santo diretor.

Viveu ainda alguns anos São Raimundo dedicado a contínuos e penosos exercícios de caridade. Nem suas viagens, nem os trabalhos das missões, nem seus molestos achaques lhe estorvavam celebrar cada dia o santo sacrifício da missa. Fazia-o com tanta devoção, com tanta ternura que comumente se dizia que não havia convertido menos pecadores sua modéstia no altar que seu fervor no púlpito. Suplicou a Santo Tomás de Aquino que escrevesse contra os infiéis; e às instâncias de Raimundo devemos o que o santo doutor deixou escrito na *Suma contra os Gentios*. Por fim, consumido de trabalhos e repleto de merecimentos, morreu em Barcelona tão santamente como havia vivido, no ano de 1275, aos noventa e nove anos e quatro meses de sua idade. Em sua enfermidade visitaram-no os reis de Castela e de Aragão e honraram seu enterro com sua assistência, juntamente com os príncipes e princesas das duas casas reais, os prelados e senhores das duas cortes, acompanhados da nobreza e do povo da cidade. Trezentos e vinte e seis anos depois de sua morte, o papa Clemente VIII, movido da devoção dos reis e dos povos e de grande número de milagres, canonizou-o solenemente no dia 2 de abril do ano de 1601.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Raymundum Pœnitentiæ Sacramenti insignem Ministrum elegisti, et per maris undas mirabiliter traduxisti: concede; ut ejus intercessione dignos pœnitentiæ fructus facere, et ad æternæ salutis portum pervenire valeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que escolhestes o bem-aventurado Raimundo para insigne ministro do sacramento da Penitência e, com singular maravilha, o fizestes passar pelas ondas do mar, concedei-nos, por sua intercessão, que façamos frutos dignos de penitência e cheguemos felizmente ao porto da salvação eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico (o original diz "da Sabedoria").

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi

> gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

« Jesus, filho de Sirac, autor deste livro tão instrutivo e tão moral, faz aqui elogio do rico que, tendo em nada os bens perecíveis, procura unicamente agradar a Deus e adquirir um tesouro de merecimentos no céu, conservando seu coração puro e desprendido dos bens da terra, que costumam servir de tanta ocasião ao pecado. »

Reflexões

Segundo o Sábio, tão difícil é encontrar um homem que não corra atrás do dinheiro como achar um homem sem mancha. O interesse domina em todas as partes: ditoso aquele que verdadeiramente se achar isento desta pensão; porque na realidade não será para ele empenho muito árduo conservar-se na inocência. É muito rara a virtude que esteja à prova de interesse. Assim como a justiça contém em si todas as virtudes, assim a avareza contém todos os vícios.

Que vaidade tão ridícula ter-se por mais que os outros porque possui mais bens que eles! O dinheiro por si só não dá mérito. Um libertino cheio de ouro é um libertino que brilha; mas nem por isso é menos libertino. A virtude só dá o mérito, e a virtude não se compra com dinheiro.

Feliz aquele que não coloca a esperança nas riquezas e que, conhecendo sua insubstancialidade, não se deixa deslumbrar do falso resplendor que descobrem. Feliz quem, considerando-se como administrador de seus bens, só se serve de seus tesouros para comprar o céu com esmolas. *Quis est hic?* exclama o Sábio. Quem é este? E o louvaremos como a um prodígio, porque sua vida é uma série de maravilhas: *Fecit enim mirabilia.* Sua virtude é virtude à toda prova. Quantos laços! Quantos perigos não rodeiam um homem rico! Quase tudo é tentação para ele: a abundância estorva mais para a salvação que a pobreza. Conservar o coração puro, livre, desinteressado em meio aos tesouros é o ápice da perfeição, é um milagre; por isso se recompensa com uma eterna glória. Tanta verdade é que as riquezas só são úteis aos que as desprezam e que raríssima vez se

as ama inocentemente.

A facilidade que têm os grandes e os poderosos para quebrantar os mandamentos é o maior elogio dos que os guardam em meio às grandezas e à abundância. A regularidade, a vida exemplar de um homem opulento acrescenta especial lustre à virtude e faz honra à religião. Os tesouros dos avarentos se desvanecem; as mais elevadas fortunas se afundam; as heranças dos justos são unicamente as que zombam da inconstância dos tempos, porque o Senhor as conserva.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo do dia 17.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da vigilância cristã

Primeiro ponto

Considera que nenhuma coisa se nos ordena mais expressamente no Evangelho, nenhuma é mais indispensável, mas nenhuma é menos observada que o vigiar sem cessar.

Vivemos todos em meio a um país inimigo; a vida do homem é uma contínua guerra, tudo é perigo, tudo é tentação. Os sentidos caminham de acordo e têm inteligência com o inimigo; as paixões não perdem ocasião de amotinar-se; a razão, em matéria de costumes, a cada passo se engana; nosso mesmo coração nos trai; e, com tudo isso, em meio a tantos perigos, vivemos com a maior segurança, sem desconfiar de nada. Pois de que nos admiramos se tantos perecem miseravelmente?

O ar do mundo é contagioso, e a ele nos expomos sem preservativo. O inimigo da salvação, semelhante a um leão furioso, anda rugindo ao redor de nós, buscando ensejo para despedaçar-nos, sem que seus rugidos nos façam despertar de nosso letargo. Caminhamos de olhos fechados à beira do precipício; expomo-nos a mil combates sem precaução e sem armas; e admiramo-nos de que tantos se condenem! Mais nos deveríamos admirar se com tão pouca vigilância se salvassem muitos.

Não há que buscar fora de nós mesmos as provas desta verdade. Desvelamo-nos, porventura, muito no importante negócio de nossa salvação? Até onde chega neste ponto nossa vigilância? Temos bem conhecidas as forças e os artifícios de nosso inimigo? Estamos prontos a resistir-lhe?

Sabemos bem os meios para vencê-lo? Estes e não outros são os efeitos da vigilância cristã. Aquelas almas covardes e descuidadas, aqueles cristãos frouxos e adormecidos experimentam em si esses preciosos efeitos? Reina a vigilância cristã nessas concorrências da profanidade, nesses bailes, nesses saraus, nesses jogos, nessas festas do mundo? E depois estranharemos que seja tão limitado o número dos escolhidos!

Ditoso, Senhor, o servo a quem acharmos velando; e desditado de mim se me encontrardes dormindo!

Segundo ponto

Considera que a vigilância cristã deve estar acompanhada da oração. Esta alcança os auxílios do céu de que necessitamos para combater; e a vigilância nos constitui em estado de poder aproveitar-nos vantajosamente desses auxílios. Vigiai e orai, diz o Senhor, para que não caiais em tentação. Orar sem vigiar é presumir da graça, lisonjeando-se de vencer sem combater e sem estar continuamente alerta contra o inimigo. Vigiar sem orar é presumir temerariamente das próprias forças, expondo-se ao perigo com igual temeridade. Toda a vida do cristão é uma contínua guerra; a vigilância e a oração devem ser o exercício de todos os dias. E temo-nos ocupado até aqui todos os dias neste exercício?

Que foi o que povoou os desertos de tanto solitário ilustre? A obrigação que tem todo cristão de vigiar e de orar incessantemente. Aquelas grandes almas, aqueles heróis do cristianismo tinham, porventura, outras paixões a domar, outros riscos de que fugir, outros inimigos a vencer? Ah, que a maior parte deles tinha cem vezes menos que combater que nós! E, com tudo, quanta foi sua aplicação, quão contínuo seu cuidado em orar e vigiar! E quanto é o nosso? Eles viviam no deserto, nós em meio a um mundo corrompido e tentador, expostos a mil golpes, e estamos nele sem defesa. Oh, que diferença de conduta! Pois quê! Umas almas inocentes, de todas as idades, de todos os sexos, de todos os estados, encerradas numa estreita cela, sempre com as armas na mão, sempre em sentinela dia e noite, temem ser surpreendidas; e uns homens, em sua maior parte já derrubados, extremamente fracos, passam tranquilamente os dias entregues a todo gênero de diversões, à discrição de um inimigo sagaz e artificioso que perpetuamente nos rodeia para perder-nos! Comparemos esta segurança com a vigilância dos santos.

São Raimundo renunciou ao mundo com todas as prelazias e dignidades do estado religioso para entregar-se a uma vida privada, para ser sempre servo atento e vigilante. Não contente com ter velado toda a vida no negócio da salvação, renova a vigilância nos últimos trinta e cinco anos que viveu. Bem-aventurados os servos a quem, quando vier o Senhor, os encontrar velando. Bem-aventurados os que estiverem despertos na segunda e na terceira vigília. Se tivesse vindo o Senhor, ter-me-ia encontrado desta maneira?

Eternamente sejais bendito, Pai das misericórdias, porque não quisestes apanhar-me desprevenido. Mas que castigo mereceria eu se, depois desta meditação, me apanhásseis de repente na hora em que viésseis? Não, meu Deus; espero que não me há de suceder esta desgraça. Estou resolvido, mediante vossa divina graça, a orar e a velar com tanto cuidado pelo que me restar de vida que não me apanheis sem prevenção e de repente.

Jaculatórias

> *Oculi mei semper ad Dominum: quoniam ipse evellet de laqueo pedes meos.* Sl 24.

Sempre fixarei os olhos no Senhor, esperando que me livrará dos laços de meus inimigos.

> *Vigilate et orate, ut non intretis in tentationem.* Mt 26.

Vigiai e orai para não cairdes em tentação.

Propósitos

1. Tem sempre em teu quarto algum excitativo que te desperte a memória de estar sempre velando e de viver prevenido contra um inimigo que nunca dorme: a imagem de um crucifixo, a da morte, alguma sentença tirada da Sagrada Escritura, singularmente esta: Vigiai e orai, porque o Filho do homem virá quando menos pensardes: *Vigilate et orate, quia qua hora non putatis Filius hominis veniet.* Examina se estás enredado em alguma ocasião perigosa; e não passe o dia sem apartar-te dela, sem afastar de ti quanto te possa servir de embaraço para salvar-te. Desconfia de tudo, até de teus próprios propósitos, até que vejas os efeitos.

2. Além destes devotos meios, pequenos em entidade, mas realmente de grandíssimo socorro, não deixes de observar cuidadosamente os seguintes: um dia de retiro cada mês, sem que nisso haja jamais falta; uma confissão geral todos os anos, ou no fim deles, ou no dia em que os completas. Tem um crucifixo destinado a que te auxiliem com ele na hora da morte; dispõe teu testamento; e, caso de tê-lo já disposto, se houver de mudar algo, faze-o no mesmo dia. Se há alguma restituição a fazer ou algum dano a reparar, guarda-te bem de deixá-lo ao cuidado de teus herdeiros; executa por ti mesmo uma e outra coisa sem dilação. Que motivo há para crer que os outros serão mais ativos nem mais exatos em cumprir nossas obrigações do que nós mesmos? Logo que te sintas indisposto, chama o confessor e confessa-te como para morrer, ainda que não haja sombra de perigo. Finalmente, quando o relógio der as horas, tem o piedoso costume de rezar a Ave-Maria, dizendo com Santa Teresa: Já tenho uma hora menos de vida e já estou mais perto da eternidade. Portemo-nos como aqueles que estão ameaçados de ladrões. Que vigilância! Que cuidado! Que precaução! O próprio Jesus Cristo nos ensina este meio: grande dor teremos se não nos aproveitarmos dele.

Santo Ildefonso, Arcebispo de Toledo

Um dos varões mais ilustres em letras e santidade que teve a Espanha em seu verdadeiro século de ouro, quando floresceram os Isidoros, os Heládios, os Justos e os Eugênios, foi Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo. Seu nascimento e até sua concepção foram fruto da piedade e das dádivas com que quis Deus premiar nesta vida as esmolas e orações que os haviam merecido. Seus pais, Estêvão e Lúcia, gente nobre e poderosa, viviam aflitos, não lhes tendo dado o céu, em alguns anos que levavam de casados, quem perpetuasse sua estirpe e herdasse com sua fazenda sua piedade. Importunavam, pois, com rogos, vigílias, orações e esmolas a misericórdia divina; e Lúcia, que tinha singularíssima devoção à mãe de Deus, punha-a por intercessora, com uma viva confiança de alcançar o que pretendia. Deus, que deu palavra de ouvir os rogos humildes e de consolar o justo em sua aflição, ouviu as súplicas de seus servos, dando-lhes o desejado fruto de bênção que com tanto fervor lhe haviam pedido. Nasceu, pois, Ildefonso por volta do ano do

Senhor de 608, reinando então Viterico e presidindo Aurásio na sé de Toledo, pátria de nosso santo.

Os anos de sua meninice foram um certo indício de que Deus o destinava para um dos maiores heróis de sua Igreja. A docilidade com que ouvia seus mestres, a obediência que professava a seus pais, o respeito que tinha aos maiores, junto com uma particular doçura que tornava amáveis todas as suas ações, constituíram um menino verdadeiramente inocente. A isso se acrescentava o esmero com que seus pais procuravam educá-lo, porque o olhavam como o depósito de seu sangue e de sua nobreza. Sua mãe particularmente não perdia ocasião de inspirar em seu terno coração um amor e uma devoção sólida à Mãe de Deus; e mal tinha Ildefonso dois anos quando já lhe havia feito aprender a Ave-Maria, que o santo menino repetia com frequência, manifestando a doçura que sentia em sua alma. Cresceu Ildefonso, e juntamente com ele a piedade, as inclinações santas, as esperanças que haviam concebido seus pais de sua virtude e grandeza. E, para assegurá-las melhor, entregaram-no a Santo Eugênio, que ainda não era arcebispo nem se havia retirado a Saragoça, o qual, como mestre seu, não só lhe ensinava as ciências que ilustram o entendimento, mas as que formam o coração do homem e o dirigem ao supremo Ser.

Vendo Santo Eugênio os rápidos progressos que fazia Ildefonso e considerando-o capaz de muito maior instrução que a que ele podia dar-lhe, enviou-o a Sevilha com recomendação particular para Santo Isidoro, cujos escritos e santidade eram então duas lumeiras que iluminavam toda a Espanha e até vertiam resplendor fora de seus recintos. Aproveitou-se nosso jovem de tão boa ocasião, adiantando em sua instrução quanto se podia esperar de seu talento e do sábio mestre que o cultivava; mas ao mesmo tempo não se esquecia de que a ciência sem a virtude incha e ensoberbece, como diz São Paulo; e assim era admirado de seu preceptor e de seus condiscípulos como exemplar cristão, ao mesmo tempo que seu engenho, sua aplicação e seu aproveitamento faziam-no respeitar mais como mestre que como discípulo.

Tendo o santo vinte e quatro anos, isto é, no ano de 632, voltou de Sevilha a Toledo e apresentou-se a seus pais e a Santo Eugênio com mais conhecimentos, mas com mais desenganos do mundo. Este lhe prometia seus mais lisonjeiros bens, atendido seu nascimento, suas riquezas, suas prendas naturais e adquiridas e a proteção dos que atualmente podiam exaltá-lo; mas ele, pelo contrário, pensava em desprezar tudo, pondo em execução os desejos que desde menino havia tido de entrar num mosteiro. Conta-se que, faltando de sua casa e presumindo seu pai que havia ido fazer-se monge, saiu com alguma gente armada a detê-lo no caminho e até a tirá-lo à força do mosteiro caso já estivesse nele; que Ildefonso advertiu isso e escondeu-se na concavidade de um penhasco, dando tempo a que passasse seu pai de volta do mosteiro, persuadido já de que se havia enganado; que logo prosseguiu seu caminho e recebeu o hábito das mãos do abade; mas, estando o mosteiro Agaliense no arrabalde de Toledo, como uns cento e cinquenta passos distante da igreja pretoriense, entre Poente e Norte, segundo creem alguns, não é fácil conceber onde pudesse haver penhascais, matos nem outros lugares fechados e incultos onde sucedesse esse milagre.

Como quer que fosse, nosso santo tomou o hábito de monge com tanto gosto seu como amargura de seu pai, que, mal o soube, julgou ter-se perdido os brasões de sua casa e as esperanças de sua posteridade; mas por fim, reduzido a melhor conselho pelas discretas e religiosas reflexões de sua

mulher, ficou sossegado, e Santo Ildefonso quieto e pacífico no retiro de seu amado mosteiro, onde permaneceu desde antes do ano de 633, em que, sendo já monge, foi ordenado diácono por São Heládio, até o fim de 657, em que foi tirado contra sua vontade do retiro para apascentar as ovelhas do rebanho de Jesus Cristo. Nesse longo tempo teve seu espírito quanto podia desejar para empregar-se inteiramente no que o deleitava, que eram as virtudes cristãs. Sua mortificação, seu silêncio, sua caridade, sua contínua oração e sua assistência aos exercícios mais humildes fizeram-no reconhecer facilmente por um monge perfeito, capaz de servir de exemplar aos demais no ofício de abade que havia vagado; e assim de nada serviu sua resistência para que os monges deixassem de pôr sobre seus ombros o cuidado do mosteiro e a direção de suas almas.

Sendo abade, cumpriu perfeitamente as dificultosas obrigações de prelado, mostrando-se afável com os humildes, compassivo com os fracos, piedoso com os miseráveis, consolador dos tristes, justo com os delinquentes e pai caritativo com todos. Cuidava do adiantamento de seu espírito e de seu mosteiro, sem omitir por isso o estudo dos livros sagrados, que o faziam olhar como um dos mais aventajados doutores da Igreja, e outros estudos úteis e proveitosos, como o da música, em que era extremado. Esse estudo proporcionou-lhe o desafogo de sua terna devoção à Rainha dos anjos, compondo várias antífonas em seu louvor com uma música harmoniosa que suspendia com sua doçura e acendia o coração nos santos afetos com que havia sido concebida; com a qual música compôs também duas missas de São Cosme e São Damião, titulares de seu mosteiro Agaliense. Por esse tempo morreram seus virtuosos pais e o santo, amante da virgindade, que conservou toda a sua vida, em proporção ao amor que o acendia pela Virgem das virgens, empregou seu grosso patrimônio em fundar e dotar um convento de monjas num lugar próximo chamado Deibio, cuja situação certa se ignora.

A cada dia iam crescendo em proporção os méritos de Ildefonso e sua fama, a qual se fez maior com a assistência aos concílios VIII e IX de Toledo, em que manifestou sua sólida piedade e portentosa sabedoria. A ele se atribui comumente o cânon primeiro do concílio X de Toledo, em que se institui na Igreja da Espanha a festa da Expectação; e, atendendo a que este concílio se realizou no ano oitavo de Recesvinto, um ano antes de ser feito metropolitano Santo Ildefonso, e à sua devoção particularíssima à Rainha dos anjos, não carece de fundamento tão piedosa persuasão; embora se comprove melhor sua piedade com os fatos certos que encheram de admiração os fiéis depois de feito bispo. Isso sucedeu no ano do Senhor de 657, a princípios do mês de dezembro, tendo passado a melhor vida seu predecessor e mestre Santo Eugênio a 13 de novembro do mesmo ano.

Só Ildefonso poderia ter enxugado as lágrimas justamente vertidas por Santo Eugênio e preenchido o vazio que com a falta deste havia de experimentar a Igreja da Espanha. Esta achava-se bem instruída das sobressalentes prendas que adornavam Ildefonso e que o faziam o mais merecedor da prelazia dentre quantos floresciam na península; e assim o elegeu metropolitano de Toledo com tanta aceitação e aplauso de todos como dor e amargura da parte do santo, que se achava bem em sua amada solidão. Resistiu quanto pôde; tanto que foi necessário que o rei o obrigasse com alguma violência para que se determinasse a sentar-se na primeira cadeira; mas, persuadido de que Deus o chamava àquela honra, teve de condescender com a vontade divina e tomar sobre si tão formidável carga.

Consagrado metropolitano de Toledo, começou a espalhar raios de luz como um sol brilhante em meio à sua carreira, ou como a lua em sua maior plenitude. Misericordioso com os pobres, socorria-os com abundantes esmolas, sem que houvesse viúva, órfão ou desamparado que não achasse nele um pai benéfico. Seus olhos dirigiam-se a todas as partes; onde quer que encontrava o mérito, premiava-o e, com a mesma igualdade, corrigia ou castigava onde quer que achasse os delitos. Era agudo nas disputas e tão elegante e copiosa sua maneira de dizer que parecia que Deus falava por sua boca, segundo assegura São Juliano em sua vida e Cixila, varão insigne em santidade e letras, que também foi cronista seu. Mostrou-se isso bem porque, tendo passado à Espanha, desde a Gália gótica, uns hereges que, seguindo a doutrina de Helvídio, negavam a virgindade perpétua de Maria, Santo Ildefonso os confutou, escrevendo um livro maravilhoso sobre esse argumento, e os obrigou a sair da Espanha. Agradou-se tanto a Mãe de Deus desse serviço que, estando o santo em fervorosa oração, apareceu-lhe a piedosa Virgem com o livro na mão e dignou-se dar graças a seu servo pelo valor, zelo e sabedoria com que havia defendido sua virgindade.

A esse celestial favor que o santo havia recebido em segredo seguiu-se outro sumamente público. Concorreram ao templo de Santa Leocádia a celebrar seu dia o rei, a clerezia e imensa multidão do povo; e, estando Santo Ildefonso orando junto ao sepulcro da santa, que então se ignorava, eis que repentinamente se levanta por virtude superior uma laje do pavimento que dificilmente poderiam movê-la trinta jovens robustos. Sucessivamente sai do sepulcro a santa, coberta de um delgadíssimo e cândido véu e, chegando-se a Ildefonso, abraçou-o e disse em alta e clara voz: Pela vida de Ildefonso vive minha Senhora. O povo se comove todo, absorto de admiração e de alegria: tudo eram graças e bênçãos a Deus; e o clero entoava aleluias, repetindo o cântico que o santo prelado havia composto para a solenidade da Virgem Maria e de que usa hoje toda a Igreja. Tinha Santo Ildefonso preso o véu da santa virgem e clamava com ânsia que lhe dessem com que poder cortar-lhe um pedaço para memória de milagre tão portentoso. Recesvinto, que o advertiu, estendeu-lhe um canivete que trazia à cintura, com o qual cortou Santo Ildefonso uma porção do véu que tinha preso, custodiando depois a relíquia e o cutelo numa caixa de prata. Desapareceu a santa, e celebraram sua solenidade com o fervor, alegria e devoção que é fácil conceber depois de ter recebido favores de tão superior ordem.

Com esses regalos celestiais acendia-se mais e mais o coração de Ildefonso no amor de Deus, de que estava abrasado, e no obséquio de sua Mãe santíssima, cuja honra com tanto empenho havia defendido. Multiplicava as esmolas, os jejuns, as vigílias e todas as obras de piedade. Estudava e pregava incessantemente, com especialidade nas festividades da Virgem; e, desejando que suas ovelhas se dispusessem com o maior fervor para celebrar a nova solenidade estabelecida por sugestão sua no concílio X, mandou que se celebrassem três dias de ladainhas com jejum antes da festa da Expectação; a qual no dito concílio se chama festa da Encarnação do divino Verbo. Executou-se assim, e a piedosíssima Virgem, agradada e sumamente comprazida dos obséquios de seu servo, quis dar novas provas da ternura com que o amava, fazendo-lhe um regalo dos tesouros celestiais de seu Filho, que foi ao mesmo tempo um testemunho autêntico da santidade e dos superiores méritos de Santo Ildefonso. Já haviam precedido os três dias de ladainhas e jejum para a solenidade da Virgem; o santo, aceso em seu amor e em seu serviço, havia previamente disposto que se lesse em seu ofício o livro da purísima Virgindade, escrito em estilo salmódico, próprio para o canto eclesiástico e composto de testemunhos do Velho e do Novo Testamento. Havia acabado

naqueles dias uma missa que se devia cantar naquela solenidade, cumprindo dessa maneira a prevenção do concílio, que dispunha que se celebrasse a nova festividade com o mais solene rito e magnificência religiosa que fosse possível.

Indo, pois, o santo, acompanhado de muita gente que o precedia com tochas acesas, a cantar as matinas de meia-noite, chegaram todos à igreja; abriram as portas os que iam adiante com as tochas e viram tal golpe de luz extraordinária e divina que, não podendo suportar com olhos mortais o excessivo e inusitado resplendor, ficaram meio mortos; caíram-lhes das mãos as luzes e, absortos, atônitos e surpreendidos, só tiveram espírito para fugir, deixando Santo Ildefonso sozinho. Entrou o santo na igreja e, embora a luz celestial que iluminava não deixasse de chamar-lhe a atenção, com tudo isso dirigiu-se aonde costumava e, posto de joelhos, começou a fazer oração. Suspendeu-o a celestial harmonia com que os espíritos angélicos entoavam cânticos a sua Rainha e, voltando os olhos para a cadeira onde costumava sentar-se a pregar, viu sentada nela a Mãe de Deus, Maria santíssima, cercada de resplandecentes e puríssimos coros de virgens, os quais, com infinita multidão de anjos, louvavam sua Senhora. Ficou o santo suspenso, cravados os olhos na Mãe de Deus, a qual com semblante benigno e amoroso lhe disse estas palavras: Vem cá, bom servo de Deus, recebe de minha mão este pequeno dom que te trago dos tesouros de meu Filho, que é justo que tenhas uma veste sagrada e bendita nos céus, para que uses dela somente em meu dia. E sabe que, por teres tido sempre os olhos da fé fixos em meu serviço e por teres inspirado docemente nos corações dos fiéis meus louvores, não só te adornarás nesta vida com esta preciosa veste da Igreja, mas na vida eterna te regalarei com outras dádivas em companhia de outros servos de meu Filho. Dito isso, desapareceu a piedosa Rainha juntamente com a luz, os anjos e as virgens que a haviam acompanhado, deixando o santo absorto e anegado na delícia incompreensível de tão divinos favores.

Os que haviam acompanhado Santo Ildefonso voltaram, solícitos de saber que coisa lhe havia passado naquela celestial visão; e o acharam orando e dando a Deus humildes graças por sua dignação e a de sua Mãe santíssima. Viram também a casula celestial; e, divulgado por toda a cidade o milagre, concorreu no dia seguinte infinita multidão de povo à igreja, celebrando os ofícios divinos com tanta devoção e tão copiosas lágrimas de ternura que pareciam os fiéis mais anjos que homens. Na igreja de Toledo conserva-se ainda uma pedra em que é tradição que pôs suas virginais plantas a Rainha soberana, a qual adora todo cristão como preciosa relíquia. A casula foi custodiada no sacrário de Toledo até a perdição da Espanha. Então foi trasladada com outras preciosas relíquias à catedral de Oviedo, onde permanece. Referem-se muitos milagres dessa preciosa vestidura; entre eles, que, tendo-a querido pôr Sisberto, prelado de Toledo, acabou mal, pois no concílio XVI de Toledo foi deposto de sua dignidade em pena de sua soberba, que o conduziu ao execrável delito de rebelião contra seu monarca.

Depois da descida da Virgem Maria viveu Santo Ildefonso pouco tempo, empregando-o com mais afinco no cumprimento de seu ofício pastoral e no exercício de todas as virtudes que o haviam feito digno dos favores divinos que ficam referidos. Sua contemplação era tão contínua e tão intensa que a ela mais que a outra coisa se deve atribuir sua preciosa morte, que sucedeu a 23 de janeiro do ano do Senhor de 667 e 18.º do reinado de Recesvinto, tendo governado a Igreja de Toledo nove anos e quase dois meses. Seu sagrado corpo foi sepultado na igreja de Santa Leocádia, aos pés de seu predecessor Santo Eugênio; mas atualmente se venera em Zamora, para

onde foi trasladado por ocasião da irrupção dos sarracenos. Foi de estatura gentil e de uma varonil formosura que o fazia amável até pelo semblante: a isso se acrescentava um modesto e venerável aspecto que causava reverência, uma doçura de gênio e de costumes que encantava e uma suavidade no trato, junta com uma contínua alegria, que roubava os corações de todos, tanto no estado secular e de monge como no de bispo.

Escreveu muitas obras, embora nem todas tenham ficado concluídas, porque se lho impediram várias ocupações e moléstias, como diz São Juliano em sua vida; contudo, as que andam impressas dão testemunho de sua profunda humildade, de seu amor e ternura à virgem Maria, de sua vasta erudição sagrada e profana e do gosto e zelo com que reformava e promovia a disciplina eclesiástica; por tudo o que mereceu com justiça ser apelidado em vida novo Crisóstomo, oráculo do céu, luz dos doutores e outros títulos que mostram o apreço em que foi sempre tido, e com quanta razão o regalou a Virgem soberana, visitando-o em pessoa e assegurando-lhe outros regalos mais doces e apetecíveis, que atualmente goza nas mansões eternas.

Martirológio Romano

Em Barcelona, São Raimundo de Penyafort, cujo trânsito se celebra no dia 7 deste mês.

Em Roma, Santa Emerenciana, virgem e mártir, a qual, não sendo ainda mais que catecúmena, foi apedrejada pelos gentios enquanto estava orando sobre o sepulcro de Santa Inês, que havia sido sua irmã de leite.

Em Filipos da Macedônia, São Pármenas, um dos sete primeiros diáconos, que, tendo-se entregado à divina graça para não seguir senão sua direção, aplicou-se com inteira fidelidade ao ministério da pregação que lhe haviam confiado os apóstolos e chegou, sob Trajano, à glória do martírio.

Em Cesareia da Mauritânia, os santos mártires Severiano e Áquila, sua mulher, que foram entregues às chamas.

Em Antínoe, cidade do Egito, Santo Ásclas, mártir, que, depois de vários tormentos, foi precipitado no rio, onde rendeu sua alma a Deus.

Em Ancira, na Galácia, São Clemente, bispo, que, tendo sido muitas vezes provado com diversas torturas, consumou por fim seu martírio sob Diocleciano.

No mesmo lugar e no mesmo dia, Santo Agatângelo, que sofreu a morte sob o presidente Lúcio.

Em Alexandria, São João, o Esmoler, bispo desta cidade, tão célebre por sua ardente caridade com os pobres.

Em Toledo, Santo Ildefonso, bispo, a quem, pela inocência de sua vida e por ter defendido contra os hereges a virgindade da Mãe de Deus, a mesma Senhora deu de sua mão uma brancuríssima vestidura; e, por último, depois de ter-se tornado célebre por sua santidade, foi chamado ao céu.

No Abruzo Citerior, São Martírio, solitário, de quem faz menção o papa São Gregório.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui per gloriosissimam Filii tui Matrem beatum Ildephonsum confessorem tuum atque pontificem, misso de thesauris cælestibus munere decorasti: concede propitius; ut per ejus preces et merita munera capiamus æterna. Per eumdem Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que, por meio da gloriosíssima Mãe de vosso Filho, honrastes o bem-aventurado Ildefonso, vosso confessor e pontífice, enviando-lhe um dom precioso dos tesouros celestiais, concedei-nos benignamente que, por sua intercessão e merecimentos, alcancemos os dons eternos. Pelo mesmo Jesus Cristo, Nosso Senhor…

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo:

que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Reflexões

Virá tempo em que os homens não queiram suportar a sã doutrina. Talvez se pense que está muito longe de nós esse tempo desgraçado de que fala o Apóstolo; mas, para crê-lo assim, seria preciso ver que fosse geralmente bem recebida a sã doutrina. Que se pensa de um pregador quando, no desempenho de seu sagrado ministério, combate as superstições, os abusos, as falsas devoções que reinam no povo, mas que cedem em benefício de alguns particulares que têm interesse em sustentá-las? Diz-se que isso é destruir a piedade, que é alterar a crença do povo; que a este se deve deixar em sua boa-fé, como se a piedade cristã devesse apoiar-se em fábulas e mentiras injuriosas, por todos os respeitos, à mesma religião que as detesta. É melhor recebida a sã doutrina de quem faz ver os evidentes perigos que ocasionam à consciência os teatros, os espetáculos sangrentos, certos bailes e algumas concorrências de onde não pode deixar de sair manchada a inocência? Ver-se-iam tão frequentados esses lugares de dissolução se se visse bem recebida entre os cristãos a sã doutrina? Não parece senão que o ser alguém católico cristão não consiste mais que em saber o símbolo e o que se deve crer e descuidar totalmente do que se deve praticar. Já se vê: o símbolo não está em guerra com as paixões, e quereria que o decálogo se convertesse em artigos de pura crença. Diga-se a uma dessas pessoas mundanas que a Virgem santíssima não é Mãe de Deus: irritar-se-á, enfurecer-se-á e dirá que perderá a vida em defesa do contrário; mas diga-se-lhe que deve mortificar-se e levar a cruz de Jesus Cristo: vê-la-á desculpar-se, santificar-se e assegurar que em nada acha perigo; e é isto algo mais que uma ligeira sombra de cristianismo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus, e o mesmo do dia 16.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** [13] Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. [14] Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, [15] neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. [16] Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. [17] Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. [18] Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. [19] Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: [13] Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. [14] Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. [15] Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. [16] Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Dos danos que causa o luxo

Primeiro ponto

Considera que, por mais que se declame e se torne patente aos olhos de qualquer homem de mediano juízo a necedade de sustentar um luxo que arruína as casas e famílias, é tão forte a prevenção a favor dele que chega a ser tido por virtude entre seus apaixonados. Nada importa que a Santa Escritura, os padres e doutores o abominem; de nada serve que a razão e a experiência se reúnam para tornar palpáveis seus estragos. O luxo, quem o diria!, tem apologistas entre os cristãos, que fizeram solene renúncia das galas e vaidades do século: o luxo, diz-se, é a alma do comércio, é o nervo dos estados, é o que dá ocupação a uma infinidade de artesãos que morreriam sem ele nas mãos da indigência; o luxo, diz-se, é o açoite da vadiagem, o destruidor da avareza, o

pai das artes e o apoio da felicidade das repúblicas. Mas, bem examinadas, têm alguma força essas exageradas ponderações? Podem fazer outra coisa senão seduzir os incautos e os que não se detêm em refletir as coisas como são em si mesmas? Os impérios mais florescentes do mundo começaram todos pela frugalidade e se arruinaram pelo luxo: os persas, os assírios, os gregos e os romanos não tiveram outra origem nem outro princípio de sua fatal decadência, como acreditam suas histórias: nunca está mais débil um reino que quando mais brilha nele um luxo desmedido; e, se isso é evidente a respeito de uma nação inteira, que sucederá com as famílias particulares? Quantas quebras ruidosas não padecem os mais sãos cabedais? Quantos enlaces vantajosos não impede o luxo cada dia? Que transtornos, que inquietudes, que desgostos, que dissensões eternas não fomenta o luxo em muitas casas e famílias? De quantas injustiças, de quantas infâmias não é a causa? De que artifícios não deve valer-se quem tem de aparentar uma ostentação que o arruína interiormente?

Mas o luxo fomenta uma multidão de mãos que viveriam na ociosidade. Belamente: não se pode negar que é um bem imponderável que se dê ocupação aos ociosos, que se exercitem os talentos úteis e que se fomentem as artes; mas não há seu mais e seu menos nessa ocupação de mãos e talentos? Que utilidade nos trazem tantos artífices do luxo e da vaidade, tantos talentos inúteis e até nocivos que não têm outro objeto que as novas invenções com que cada dia se dissipam os cabedais mais lúcidos? São realmente necessários esses inumeráveis ministros da vaidade, que unicamente se empregam em encher de pó e de imundície os cabelos, adornando-os e frisando-os contra o preceito do Apóstolo, e em dar uma enorme magnitude a umas cabeças tão pequenas como vãs? Seriam úteis, certamente, se, como as adornam no físico, as compusessem no moral. E é também necessária essa multidão imensa de serviçais, que não têm outro emprego que dar ostentação aos senhores, vivendo, contudo, num ócio eterno e vergonhoso? São, porventura, indispensáveis para nossa felicidade essas pessoas que se empregam nas fúteis bagatelas, ninharias e necedades que nos apresenta o inconstante sistema da moda?

Mas fomenta-se o comércio e subsistem os artesãos: assim se diz. Mas abram-se os livros dos comerciantes e ver-se-ão cheios de vultosos créditos contra essas mesmas pessoas que aparentam no público o luxo mais brilhante; ver-se-á a maior miséria coberta com uma ostentação magnífica e pomposa. E, não cobrando o comerciante o importe de suas mercadorias, poderá subsistir longo tempo seu comércio? Dá-se trabalho ao artesão; mas quantos desses infelizes suspiram longo tempo por seus jornais, carecem do fruto de seus suores com que deveriam alimentar sua família e padecem entretanto não só o horror da miséria mas insultos e desprezos da parte de seus devedores? E é esta toda a utilidade e vantagem que o luxo nos proporciona? E havemos de ser tão cegos que não conheçamos nossa ruína quando nos entra pelos olhos?

Segundo ponto

Considera que não há vício mais ridículo que a vaidade no luxo nem que mais possa fazer rir qualquer homem sensato. Mesmo os mais apaixonados pelo luxo se queixam amargamente da dura precisão em que os põe para ter de mantê-lo, ainda que seja à custa da maior economia e do jejum mais rigoroso em suas casas. Queixam-se do excessivo preço a que devem pagar esses móveis de vaidade, que hoje luzem e amanhã se desprezam. Ponderam que subiu tanto de ponto a

vaidade que se veem obrigados a que suas mulheres e filhas levem hoje na cabeça o que em outros tempos seria o dote de uma princesa ou de uma rainha; lamentam que não podem colocar uma filha por causa dos excessivos gastos que introduziu a moda; e, se não a colocam, sentem o desvelo e inquietudes que lhes causa o guardá-la. Assim falam os mesmos escravos do luxo, aqueles homens em cujas mãos está o livrar-se inteiramente de tão tirana escravidão, se tivessem ao menos uma hora de juízo. Não seria um louco quem, podendo com só querer livrar-se de uma enfermidade, se obstinasse em padecê-la e se queixasse de seus males? Não seria mais digno de riso que de lástima? Pois isso é o que sucede aos luxuosos: todos se queixam, todos podem, só com que queiram, livrar-se de tão molestos dissabores e, com tudo, nenhum se resolve a romper esta cadeia que a todos enlaça.

Não é menos risível a loucura dos que dizem ser-lhes necessárias a ostentação e o luxo para distinguir-se dos inferiores e das gentes de outra classe. E chega a tanto o desatino que creriam arriscar sua honra se não se apresentassem com o mesmo trem e magnificência que os demais de sua esfera e condição. Sublime ideia, por certo, a que se tem do mérito e da honra! A pouco tempo que se reflita, conhece-se claramente que a honra não tem inimigo mais poderoso nem temível que o mesmo luxo com que quer conservar-se. Quer uma senhora manter entre suas iguais o mesmo luxo que elas; sabem muito bem estas o que passam por si mesmas para sustentá-lo, a economia, os jejuns forçados que lhes custa em casa o brilhar nas concorrências; sabem também a quanto ascendem suas rendas; e por estes princípios, em que não podem equivocar-se, quando veem que outra as compete ou excede em galas, sem ter uma igual ou maior renda, é muito natural a consequência de que ou o mercador lhe dará suas mercadorias de graça ou de que se valerá de alguma indústria que elas não conhecem. E quanto não interessa isso à sua honra? E serão muito temerários os juízos a que se dá lugar com uma conduta semelhante?

Quer uma senhora distinguir-se da plebe com um vestido magnífico e custoso; mas não se sabe demais que certas prendas naturais reunidas à dissolução mais infame costumam equivocar todas as classes? Quem poderá distinguir uma dessas vis criaturas da senhora mais encumbrada só pelo exterior? Deveria, pois, esta vestir-se de estrelas e coroar-se de luzeiros para distinguir-se das outras. Mas têm juízo, têm senso comum umas pessoas que fazem consistir sua honra em quatro fitas, em quatro bagatelas que se compram em qualquer loja por uns poucos dobrões? Mas que se dirá de mim se não me apresento com os mesmos atavios que as senhoras de minha esfera? Dir-se-á que tens juízo, que não és tão louca como as demais, que usas de tua razão, que fundas teu mérito em tuas operações, que não queres ser vil escrava dos caprichos da moda, que crês que o vestido não pode dar-te um mérito verdadeiro, que sabes contentar-te com uma decência cristã e digna de que as demais a imitem. Isso é o que se dirá, e assim pensará todo homem sensato. É verdade que não julgará do mesmo modo essa turba de adoradores sacrílegos que te adula, que celebra tuas prendas e elogia o belo gosto de teus adornos; mas és tão inocente que não percebes aonde se dirigem esses fingidos elogios? Sabem muito bem esses jovens a quem procuras agradar que, em proporção a ser maior teu artifício em adornar-te, é menor o que têm de empregar para seduzir-te. Esses mesmos que elogiam tuas graças e beleza não são os que te buscarão para esposa. Sabem que uma mulher apaixonada pelo luxo não é uma fortaleza inconquistável às balas de ouro e prata; que a honra é uma débil barreira neste caso; e ainda quando pudesses resistir a seus ataques, ficaria por isso tua honra ilesa entre suas línguas?

Desengana-te, pois, e crê firmemente que a virtude, a honestidade e a decência são as prendas mais brilhantes e as que fazem o verdadeiro adorno de uma senhora cristã. Todo cristão renuncia solenemente no batismo às galas, pompas e vaidades do século. Pergunta, pois, a uma dessas pessoas do mundo o que renunciou no batismo, e não saberá que responder-te. Coisa estranha! Jamais pensou Santo Ildefonso nos vãos adornos que tanto se estimam no mundo e mereceu que a mesma Rainha do universo o honrasse, enviando-lhe dos céus um adorno preciosíssimo.

Quando farei, meu Deus, o apreço que devo do verdadeiro mérito, da santa liberdade de filho vosso que me mereceu meu Redentor, e desprezarei altamente estas ilusões de vaidade com que o mundo me deslumbra! Quando conseguirei revestir-me da estola de justiça que torne minha alma vistosa e agradável a vossos olhos, e despir-me-ei do homem velho, que tudo é corrupção e vaidade!

Jaculatórias

> *Averte oculos meos, ne videant vanitatem.* Sl 118.

Apartai, Senhor, meus olhos da vaidade do mundo.

> *Tu scis quod abominer signum superbiæ et gloriæ meæ, quod est super caput meum.* Est 14.

Sabeis, Senhor, que abomino este sinal de soberba e de vaidade que levo sobre a minha cabeça.

Propósitos

1. A soberba, a avareza e outras paixões semelhantes são uns vícios que naturalmente aborrecemos nos demais, mas que com dificuldade conhecemos dentro de nós mesmos. Fazem-se as mais fortes invectivas contra a sede insaciável de um avaro; mas quase não há quem se confesse ferido desta lepra. O mesmo sucede com o luxo: por pouca reflexão que se faça, conhecem-se com evidência os danos que causa ao Estado, às famílias e à religião; mas são muito poucos os que se queixam desta enfermidade. Veem-se infinitas pessoas em quem não pode deixar de condenar-se um luxo exorbitante e que escandaliza não só nas ruas e passeios, mas aos pés dos santos altares; veem-se chegar também, e com frequência, a apresentar-se ao juízo do sacerdote e sem dúvida se crerá que vão manifestar essa lepra. Esperas os sete dias que prescreve a lei para abrir-se de novo o juízo e observas que não só continua a lepra, mas que vai crescendo por momentos. Esperas não obstante outros sete dias e não vês que os leprosos se

apresentem com vestidos descosidos, com a cabeça nua, com o rosto coberto e chamando-se em voz alta contaminados e imundos, nem que se separem da multidão conforme a sentença da lei. Quer dizer, essas mesmas pessoas frequentam os sacramentos, fazem uma vida ao parecer cristã e não se as vê minorar o luxo: o que é prova decisiva de que ou não o têm por mau, ou de que o sacerdote não o condena. A tanto chega a cegueira em que pode precipitar-te esse vício detestável. O exemplo dos demais tem também uma força poderosa para que creiamos permitido o que vemos universalmente praticado; mas deves ter muito presente que não te há de julgar Deus pelo que fizerem ou pensarem os demais, mas por tua própria consciência. Não te servirá de desculpa o mau exemplo: Deus te manda que o evites, e isso deve ser a regra de tua conduta.

2. Faze-te uma lei inviolável de cercear algo cada dia daqueles gastos que te pareçam menos precisos e vai-te reduzindo pouco a pouco a uma moderação e frugalidade cristã. Não se te proíbe um porte decente e honesto conforme tua qualidade; mas terás consciência para deixar o vestido decente que hoje usas para comprar outro sem mais necessidade que ser de moda? Não é muito mais preciso o socorro dos pobres, a quem faltam um e outro? Costumas fazer um vestido em teu aniversário, em teus dias ou nos de tua mulher ou filhos, sem mais necessidade que essa ocorrência; e não seria uma moda muito cristã e digna de que se estendesse por todas as partes que vestisses algum pobre nesses dias? Costumas também, nessas ocasiões, dar uma mesa esplêndida a teus conhecidos e parentes, que não o necessitam e que talvez murmurem de tua profusão ou se queixem de tua escassez; e não seria melhor que te acompanhassem vários pobres, que ficariam satisfeitos e que terias sempre agradecidos? Essas razões te parecem boas e até te convencem; mas terás resolução para pô-las em prática?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:06 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:06 by Admin